

Legado indígena nas telas

RUDE GUEDES

A dizimação dos povos indígenas, a fome crônica que assola o povo brasileiro e o uso de energia nuclear foram os temas de maior destaque nos filmes do segundo dia da mostra competitiva do Fica. *Pripyat*, dirigido pelo austríaco Nicolas Geyhalter, já é um dos favoritos a ganhar o prêmio Cora Coralina, o principal do festival. O longa, em 35 mm, focaliza o drama da população de uma pequena aldeia próxima à usina de Chernobyl. Depois de 13 anos do maior acidente nuclear da história, os habitantes que restaram ainda sofrem com a discriminação e com os efeitos da radioatividade.

Outro destaque é *A'Uwe Uptabi*, *O Povo Verdadeiro*, dirigido por Angela Pappiani, Belisário Franca, Cristina Flória e Siridwê Xavante, é um documento sobre a cultura da aldeia Ateritipá, berço do povo xavante. O filme é resultado do pedido dos homens velhos da aldeia, interessados em deixar para seus descendentes e a humanidade em geral, o seu legado cultural. E quem ficou responsável pela produção do longa respeitou esta vontade. O que se vê na tela, através de uma fotografia esplêndida, é a história de um povo que, apesar das dificuldades com a chegada do homem branco,

leva uma vida regrada a rituais ricos e complexos. A narração é do cantor Milton Nascimento. O texto, em primeira pessoa, coloca como sujeito narrativo a consciência dos a'uwê uptabi. Assim, o longa escapa da armadilha da maioria dos documentários sobre a causa indígena, ou seja, dar a palavra somente a antropólogos suas opiniões academicistas e colocar os índios, mais uma vez, como objetos e coadjuvantes, reproduzindo o mesmo discurso de dominação a que eles já são submetidos no dia-a-dia no contato com o homem branco.

Com isso, o vídeo, com qualidade de película, ganha em autenticidade e cria interesse junto ao público que, no festival, aplaudiu a sessão com entusiasmo. Com uma montagem irrepreensível, o documentário alterna imagens recentes da tribo, filmadas no ano passado com imagem de arquivo da década de 40, nos primeiros contatos da aldeia os chamados homens civilizados. A ingenuidade e a alegria dos índios ao receber bijuterias e espelhos como sinal de amizade é tocante, principalmente quando em contraposição à decepção de seus descendentes na atualidade. Mais um ponto para o longa, enriquecido com um requisito que não pode ser desprezado mesmo em documentários: a emotividade.

Josué de Castro

Um dos cineastas de maior projeção do País, Silvio Tendler participa do Fica com *Josué de Castro, Cidadão do Mundo*, um documentário sobre o autor do emblemático *Geografia da Fome*. Ao mostrar a trajetória do cientista social Josué de Castro, o diretor coloca em foco a coragem e o embaçamento teórico e prático de Josué de Castro em denunciar a miséria no País, contrariando interesses econômicos e políticos numa época, décadas de 40 e 50, em que o Brasil passava pela fantasia desenvolvimentista. O longa é enriquecido por depoimentos de estudiosos do assunto, como Betinho e Darcy Ribeiro – a produção é de 1995 –, além de declarações comoventes de amigos e da filha dele, que dá detalhes sobre a depressão do pai no exílio em Paris, onde morreu em 1972.

Sem profundidade

A mostra do segundo dia primou pela diversidade. Além de causa indígena e o problema da fome, foram apresentados filmes sobre Chico Mendes e o envolvimento de jovens do leste europeu como ativistas ecológicos. Em *Chico's Legacy*, curta em Betacam do inglês Luke Gawin, o líder dos seringueiros tem sua história contada através do ponto de vista de ecologistas e representantes de

entidades relacionadas à defesa ambiental. Pouco atrativo, o filme pouco acrescenta ao vasto manancial de documentários e reportagens já produzidas sobre o ambientalista assassinado numa emboscada.

Outro que deixou a desejar, e muito, foi o longa, em vídeo, *Eastern Down*, do inglês Mark Davis em que o público pôde conferir o envolvimento dos jovens na militância ecológica no Leste Europeu. A originalidade do diretor em abordar um fenômeno atual e ainda eleger como grupo de observação jovens da Polônia, Eslováquia e outros países do leste europeu pós-comunismo, é um ótimo ponto de partida do filme, que depois perde-se por não aprofundar em nenhuma questão.

Surpresa

Bem menos ambicioso, o curta goiano *Desaparecidos*, de Ângelo Lima, é uma grata surpresa. Em 3 minutos, o diretor faz um alerta sobre as espécies em extinção no cerrado. Numa sala de aula, um professor, interpretado por Mauri de Castro, faz a sua chamada rotineira, mas, ao invés de joões, pedros e maris, sua lista tem tamanduás, veados-campeiros, lobos-guarás e até uma espécie, a princípio, acima de qualquer suspeita, o *homo sapiens*.



O Cineasta da Selva, com José de Abreu: exibição hoje

Filmes estrangeiros predominam hoje

Obras estrangeiras predominam na mostra competitiva no quarto dia do 1º Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental (Fica). Serão mostrados 12 filmes, entre produções francesas, australianas, venezuelanas, portuguesas, americanas, dinamarquesas e quatro brasileiras. O local e os horários são os mesmos: Cine Teatro São Joaquim, das 14h30 às 17 horas (8 filmes) e das 19h30 às 21 horas (4 filmes). As reprises continuam na Praça João Francisco, à céu aberto, e no Museu das Rapideiras às 20h.

Uma produção portuguesa selecionada para o Fica, *Bazaruto – Pérola do Índico* é um documentário sobre o Arquipélago de Bazaruto. Manoel de Abreu assina a direção. *Ver pra Quê?*, do paraibano Renato Alves, é um documentário que fala da educação ambiental. O francês *Nord-Sud*, dirigido por Dominique Soyter, retrata a formação do Planeta Terra a partir da origem do Universo.

Nature's Last Stand, dirigido por Bruce Robertson, de Los Angeles, mostra a surpreendente vida selvagem que prospera no Pântano do Ballona. Já o australiano *Lower Orders* registra as transformações da natureza. A direção é de Nick Hilligoss. Outra produção australiana é *Bougainville – Our Island Over Fight*, de Wayne Coles Janess, sobre a guerra em Bougainville e a luta da população indígena pela independência de Papua-Nova Guiné.

Bosque Silencioso, do venezuelano

Carlos Azpura, aborda a atividade mineira descontrolada no sul da Venezuela, que envenena as águas e destrói os rios. *Naturezas Mortas*, do diretor catarinense Penina Filho, aborda a exploração do carvão na bacia carbonífera de Santa Catarina e os reflexos da atividade sobre o homem e a natureza. Paralelamente, o trabalho descreve a trajetória de uma trabalhadora de subsolo.

Para a noite, estão programados quatro filmes. *Chile – Dammig of the Bio Bio*, dirigido pelo cineasta chileno, trata dos índios Mapuche para ficar com as terras que lhes pertencem legalmente. A produção dinamarquesa é *The Dolphin*, com direção de Robert Michael Fox. O curta conta a história do envolvimento de um pescador surdo com um golfinho que aparece na orla do Mar Vermelho. *Extingue*, do paulista Eduardo Cardon, denuncia a degradação de uma tribo pelo uso do álcool e outros vícios.

Também paulista é a produção *O Cineasta da Selva*, de Aurélio Michiles. A obra conta a vida do garoto Silvino Santos (1886-1970) que, nascido em Portugal, apaixonou-se pelo Rio Amazonas. Na passagem do século, ele cruzou o Atlântico em busca da Amazônia fantástica imaginada pelos europeus. Em 1913, realizou seu primeiro documentário e viveu sua aventura contracenando com grandes personalidades.

A força da tradição xavante

A'uwê Uptabi – O Povo Verdadeiro, de Angela Pappiani, Belisário Franca, Cristina Flória e Siridwê Xavante, comoveu o público na segunda noite da mostra competitiva. “É a luz do cerrado”, diz orgulhoso Siridwê Xavante. O índio que co-dirigiu o documentário sobre sua aldeia, coordena workshops hoje, na quadra de esportes da Vila Lion, das 14 às 19 horas, sobre canto e dança xavante, evento que promete ser um dos pontos altos da programação paralela.

Serenimírâmi, Hipru, Rupawê, Sereburã e Sereabdi são os últimos herdeiros de uma tradição passada. Conheceram o mundo quando, no cerrado, só havia ras-

tros de anta, queixada e deles mesmos. Testemunharam os anos de conflito com os brancos, que avançavam sobre o território de seu povo xavante, até que decidiram manter contato com a frente de atração comandada por Xico Meireles. Hoje, meio século depois, esses cinco velhos da reserva de Pimentel Barbosa, resolveram contar o significado desse encontro e mostrar quem é o povo verdadeiro para que os brancos aprendam a respeitá-los.

Dessa decisão nasceu o projeto *Xavante – 50 Anos de Contato do Núcleo de Cultura Indígena*, que inclui o documentário em vídeo que participa da Fica, um CD musical,

e o livro *Wamrême Za'ra – Nossa Palavra*, com mitos e histórias do povo xavante, na língua original e em português. O livro, com desenhos dos próprios índios, ganhou patrocínio do Senac.

Para realizar o documentário, o grupo envolvido trabalhou como voluntário porque não conseguiu patrocínio. “Os empresários brasileiros ainda têm medo de associar sua imagem à dos índios”, lamenta a jornalista Angela Pappiani, diretora e roteirista do vídeo.

O povo xavante como ficou conhecido pelos brancos, ou A'uwê, como se autodenomina, vive há centenas de anos nos vastos e abertos do cerrado. Eram mais de

20 mil quando foram contatados pela primeira vez, em 1946, pelos arautos da Marcha para o Oeste. Do massacre, sobraram apenas 2 mil. Hoje, voltaram a crescer e já são 9 mil espalhados em sete reservas e 55 aldeias do Mato Grosso, conforme Siridwê Xavante.

Nascido na reserva de Pimentel Barbosa, Siridwê Xavante recebeu a missão junto com os outros jovens, de capacitar-se no mundo dos brancos, aprendendo a língua e costumes para contribuir com o fortalecimento da cultura xavante. Vive há alguns anos em São Paulo e trabalha com crianças e adultos em palestras e cursos. (TERESA CRISTINA COSTA)